



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

## EM DIÁLOGO: AS “GUERRAS” DE NETTO E CAMISÃO

Emilio Davi Sampaio<sup>1</sup>  
Zélia R. Nolasco dos S. Freire<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende estabelecer uma análise comparativa entre dois personagens históricos: o coronel Carlos de Moraes Camisão e o general Antonio de Souza Netto, que figuram em duas obras da literatura brasileira: *Avante, soldados: para trás* (1992) de Deonísio da Silva e *Netto perde sua Alma* (1995) de Tabajara Ruas. Com o objetivo de desvelar se as respectivas histórias dos protagonistas possuem pontos de encontro, e como essa relação se apresenta no contexto dos enredos. Para isso, determinamos alguns fatores comuns às duas obras e aos dois protagonistas para estabelecermos uma análise comparativa, são os seguintes: amigos, amores, derrotas, horrores e morte. Por se tratar de uma guerra quase sempre nos registros predominam assuntos não tão felizes. São obras que fazem parte da teoria do novo romance histórico e que foram escritas não somente para registro, mas sim, como forma de reescrita desses acontecimentos sob uma nova perspectiva, a de revisão, o que por si só já instaura um processo seletivo desses acontecimentos, realçando ou minimizando o que preferirem.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada, Novo romance histórico, Guerra do Paraguai.

### Introdução

O presente artigo é resultado de estudos empreendidos sobre os romances *Netto perde sua alma* (1995) e *Avante, soldados: para trás* (1992) que retratam a Guerra do Paraguai e propõe-se analisar sob a metodologia da teoria comparatista dois personagens protagonistas inseridos e atuantes na Guerra, visto que ambos são militares. São eles o general Antônio de Souza Netto e o coronel Carlos de Moraes Camisão. Suas guerras são, respectivamente, a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul e a Guerra do Paraguai, no Mato Grosso. As guerras são fatos históricos que fazem parte da história do Brasil e os dois personagens são baseados em pessoas reais, logo, são retratados ficcionalmente. O que não nos autoriza a afirmar que são os mesmos que viveram e vivenciaram a Guerra, mas podemos afirmar que

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Letras/Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2002) e Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014).

<sup>2</sup> Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras – Mestrados acadêmico e profissional - da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). É Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Assis).



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

são muito semelhantes aos que existiram de fato. Isso porque suas histórias adentram o campo da ficção e da verossimilhança e são recontadas pela imaginação dos autores.

Aristóteles em sua *Poética*, já reconhecia que o ofício do poeta consiste em representar o que pode acontecer ao passo que o do historiador é narrar o que efetivamente acontece. Sabe-se que a literatura é antes de tudo um fenômeno estético, mas é também uma manifestação cultural. Daí o fato de ser uma possibilidade de registro da trajetória do escritor e também de sua historicidade, seus anseios e suas visões de mundo. Embora nós saibamos que a literatura não tem compromisso com o real, isto é, com a verdade dos fatos, ela constrói um mundo singular e que o leitor a partir daí encontra alternativas para a constituição da realidade que motiva a arte literária e com isso se abre novas possibilidades de interpretação do real.

As áreas de Literatura e História, mais do que nunca, nos propiciam um diálogo produtivo. Principalmente, porque tanto uma quanto a outra se valem da linguagem, ambas são constituídas de material discursivo. As análises empreendidas sobre os romances citados acima que retratam a Guerra do Paraguai tiveram por base a teoria do romance histórico criada pelo escritor inglês Walter Scott e depois se ampliando com os estudos de Seymour Menton, Angel Rama e outros. Partimos do princípio de que qualquer história (story) apenas ganha o status de existência enquanto narração. Sendo assim, constata-se que tanto na teoria literária quanto na história, investigar os entrecruzamentos da literatura e da história é uma tarefa bastante produtiva, pois nos possibilita um diálogo entre as áreas do conhecimento.

As obras selecionadas: *Avante, soldados: para trás* (1992) de Deonísio da Silva e *Netto perde sua alma* (1995) de Tabajara Ruas são duas narrativas, duas histórias, dois militares, suas guerras e suas aventuras. Esses dois romances apresentam caracteres peculiares, mas com pontos em comum. Ambos se encaixam na proposta estruturada pelo Novo Romance Histórico, pois subverte o modelo tradicional de composição de um romance, apresentando uma releitura do discurso oficial, encontrado em obras cujo cunho narrativo é o tradicional-histórico.

Algumas categorias foram elencadas para que esta análise não se distanciasse de nosso propósito, que consiste em relacionar de forma comparativa e intertextual a presença e a enunciação desses dois personagens em suas respectivas obras em relação aos fatos: horrores, amigos, amores, derrotas e morte.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

A análise ancora-se teoricamente, como quer Carvalhal (2003, p. 69), quando afirma que “(...) há nos textos literários elementos comuns que identificam sua natureza, sem que isso os uniformize.” Nesse sentido, procuramos concentrar nossos esforços analítico-interpretativos, uma vez que:

a intertextualidade, como propriedade descrita, passou a significar um procedimento indispensável à investigação das relações entre os diversos textos. Tornou-se chave para a leitura e um modo de problematizá-la. Como sinônimo das relações que um texto mantém com um *corpus* textual pré ou coexistente, a intertextualidade passou a orientar a interpretação, que não pode mais desconhecer os desdobramentos de significados (...) (CARVALHAL, 2003, p. 74).

Em se tratando de literatura, é comum a transformação ou adaptação da história factual em ficção, como se pode constatar em várias obras, tanto da literatura nacional como da literatura estrangeira; estes dois romances em análise não fogem a esta regra. Há um “pano de fundo” comum, que é a guerra, mas a construção do enredo, em grande parte, se faz através de elementos ficcionais. Como não há limite ou divisão entre o real e o imaginário, não se pretende discutir ou identificar questões ficcionais ou históricas, uma vez que nosso foco de análise é outro.

É importante enfatizar que não faremos uma retomada integral das obras *Netto Perde sua Alma* e *Avante, Soldados: para trás*, visto que partimos do pressuposto que o leitor já as conhece. Porém, acreditamos que seria importante que todos a lessem para melhor compreensão, desse modo, apresentar-se-á uma análise pautada nas obras selecionadas.

### ***Netto perde sua alma***

Em *Netto perde sua Alma* (1995) não há sequência cronológica dos fatos. O autor Tabajara Ruas faz transgressões psicológicas e constrói diálogos interiores (Netto dialoga consigo mesmo, ou melhor, ouve uma voz interior que conversa com ele: “ – Deve ser coisa premeditada – disse a voz séria, e pomposa. – Um médico tem de lavar as mãos, caralho! – exclamou com indignação a voz bonachona” (RUAS, 2001, p. 18). O enredo também vai de



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

um passado recente a um mais distante, buscando na memória de Netto tanto o passado quanto o presente/futuro, inclusive antecipando fatos que serão esclarecidos mais adiante na narrativa.

Nessa linha de pensamento, para Genette (1972), Ruas faz uso de dois recursos muito aplicados na narrativa: a *analepse*, recurso literário baseado na anacronia, em que fatos pertencentes ao passado são trazidos ao presente da obra relatada; e a *prolepse*, que consiste na alteração cronológica dos acontecimentos; isto permite que o autor antecipe alguns fatos que ainda não tenham ocorrido ou que faça um sumário de um episódio que ainda virá a ocorrer. Pode-se observar esse recurso na seguinte passagem:

Vinte e seis anos antes: Província de São Pedro do Rio Grande, margem esquerda do rio Guaíba, 8 de abril de 1840.  
Quinto ano da rebelião rio-grandense contra o Império do Brasil.  
Onze horas da noite (RUAS, 2001, p. 43).

O enredo tem início com Netto, que se encontra no hospital em Corrientes e ao mesmo tempo relembra a guerra e alguns acontecimentos. A narrativa, que começa e termina em Corrientes, possibilita várias reflexões sobre a conduta dos personagens e suas ações. Ruas dividiu-a em seis capítulos: Corrientes; Reunião no morro da Fortaleza; Dorsal das Encantadas; Último verão no Continente; Piedra Sola; Corrientes.

Respeitando a perspectiva histórica, mas de forma ficcional, o autor focaliza os acontecimentos da narrativa em Netto, personagem principal, expondo sua história como general farroupilha-republicano, mas expõe, principalmente, suas relações, conduta, ações e desmembramentos desses caracteres na guerra. Netto, em sua história, terá amigos, inimigos, um amor, um filho adotivo, uma estância, sonhos, a morte. Sobre a narrativa, diz Genette (1972, p. 255), que é “(...) a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem”, e se dedica em seus estudos, à exploração das diversas possibilidades do discurso narrativo. Portanto, a história de Netto não foge a estes elementos.

Sobre a pessoa da narrativa, observa-se que o autor utiliza a terceira, e o narrador é onisciente. Em algumas passagens se faz presente o narrador onisciente intruso, como explica D’Onofrio (2007, p. 52): “(...) o narrador volta e meia interrompe a narração dos fatos ou a



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

descrição de personagens e ambientes para tecer considerações e emitir julgamentos de valor.” Comprova-se este narrador com a passagem a seguir:

Caso viesse a falecer em razão dos ferimentos ou da malária, nada de pensão, nada de títulos póstumos, nada de honrarias. Estava metido naquela guerra sem esperar nenhum benefício e isso deveria ficar bem claro para todos, mesmo depois de morto. (RUAS, 2001, p. 34)

Como em qualquer história de guerra, a morte está presente em grande parte do enredo, mas Ruas não fala em morte de soldados e mais soldados e, sim, em mortes silenciosas e quase que solitárias, que, muitas vezes, não ocorrem no campo de batalha. No próprio hospital em que se encontra Netto, há dois assassinatos com estas características: a do major Ramirez e do médico Fointainebleux.

Não se tratando essa obra de uma história real, e como em ficção tudo é possível, Ruas resgata um lendário personagem mitológico e o traz para sua narrativa a fim de fazer referência à morte. Trata-se de Caronte. O episódio acontece durante certo momento bucólico, quando em conversa com Osório, Netto vê uma figura singular em uma canoa. É Caronte navegando pelo rio. O general não sabe dizer o porquê desse ser mitológico estar por ali. Descobre-se mais adiante que ele tinha vindo buscar o corpo de um soldado paraguaio que se encontrava morto à beira do rio. O trecho a seguir registra este momento:

Ouviram um leve rumor de água agitada. Netto firmou os olhos mas nada era visível. E então, pouco a pouco do interior da neblina, foi tomando forma, lento e silencioso, longo e escuro, o perfil de uma canoa. Era conduzida por um homem coberto por uma capa negra. (...) – Caron, disse Netto. (RUAS, 2001, p. 290).

A seguir faremos uma síntese da obra *Avante, soldados: para trás*, sem nos determos exaustivamente na mesma, pois o espaço não nos permite, porém, reiteramos a sugestão para leitura posterior.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

## **Avante, soldados: para trás**

Na obra *Avante, soldados: para trás*, Silva (1992) também se narra a história de um homem, seus amores, seus amigos, inimigos, uma guerra, a morte. A guerra não era a mesma a qual participou Netto. Camisão, o protagonista, luta na guerra do Paraguai e participa de um episódio muito conhecido: a Retirada da Laguna. Silva (2000), assim como Ruas faz em *Netto perde sua alma*, procura recontar a história de um militar: o coronel Camisão, responsável pelo exército formado no Mato Grosso para lutar contra os paraguaios. É a história desse personagem que nos interessa, pois ela, atendendo a um exercício de representação intertextual, apresenta pontos convergentes com a de Netto.

Silva (2000) divide sua obra em duas partes. Nela encontramos fatos históricos e ficcionais que se entrecruzam e se embaralham. Narra-se, na primeira parte, acontecimentos históricos relacionados à marcha do exército comandado por Camisão em direção ao inimigo e a ocorrência de batalhas, estas permeadas por episódios totalmente ficcionais como *Xerazade suspende a guerra* e *O padre telefonista*. Na segunda parte, Silva privilegia a ficção, retratando recordações e a história de amor vivida entre Camisão e Mercedes. Silva, pela voz de Camisão, expõe sobre a crueldade da guerra e da cólera que dizimou uma boa parte dos soldados brasileiros. Também escreve sobre a morte de Camisão e a Retirada da Laguna.

A narração está em primeira pessoa. O autor utiliza o narrador-personagem para contar a história: “Sabemos pouco do que se passa no Paraguai, mas avançamos. (...). Vejo o visconde à sombra, escarrapachado” (SILVA, 2000, p. 15). Mas esse narrador, apesar de ser soldado, não participa efetivamente da guerra, não pega em armas, não luta, apenas quer observar e contar uma história. Para D’Onofrio (2007, p. 55), este narrador se configura como sendo um narrador-testemunha: “É a focalização centrada sobre uma personagem que está presente no texto só para narrar os acontecimentos, sem se confundir nem com o protagonista nem com nenhuma outra personagem da história”. Constata-se esta forma narrativa na seguinte passagem:

Disse-lhe que, sendo um escritor, lutava por justiça, não de forma abstrata, mas com minha pena. Uns haviam usado a espada, outros as



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

armas de fogo. Eles, os dois lados, queriam matar. Quanto a mim, só queria narrar. (SILVA, 2000, p.212)

É importante observar que esse mesmo narrador, ao final da história, encontra Mercedes, paraguaia, inimiga do exército brasileiro, mas amante de Camisão, e a traz para o Brasil como sua esposa: “Foi em meados de agosto que encontrei Mercedes. Admirou-se de eu não estar pilhando a cidade, brasileiro que era”. (...) “Trouxe Mercedes para o Brasil e fomos morar provisoriamente na Fazenda Conde do Pinhal, nos arredores de Santo Carlos, em 1870” (SILVA, 2000, p. 212).

Na sequência procurar-se-á analisar as personagens selecionadas contrapondo-as e destacando os aspectos intertextuais presentes na forma como os dois personagens históricos foram recriados: o general Netto e o coronel Camisão.

### **As obras e os seus protagonistas**

Em consonância com Hutcheon (1985), podemos afirmar que essas duas obras são verdadeiras releituras das respectivas guerras e dos discursos oficiais sobre elas. Os autores reescrevem as histórias sob um novo olhar, muitas vezes irônico e até subversivo, o que acrescenta uma visão de que não há uma verdade absoluta a ser perseguida e que isso também não é o mais importante para o que se pretende construir em termos de literatura.

Nota-se também que há uma busca pela construção metaficcional-histórica dos textos, mas com a responsabilidade de não afastar a seriedade das narrativas de composição da guerra e seus horrores. Com isso, em ambos os casos, os autores tentam em recontar as histórias sob outro viés cultural, distante do sentido tradicional da narrativa a que se submetiam escritores do século XIX. Corroborando, White (1994, p. 101) afirma que “O importante é que a maioria das sequências históricas pode ser contada de inúmeras maneiras diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e a dotá-los de sentidos diferentes”.

Com efeito, observam-se, nesses dois personagens, condições e posturas subjacentes, mas que podem gerar confluência e/ou divergência, uma vez que as narrativas se manifestam com propostas relativamente similares e tratam do mesmo tema: a guerra. Esses personagens



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

não são retratados como verdadeiros heróis históricos, como a épica, por exemplo, proporciona, sem defeitos ou máculas, mas sim como homens comuns, que viveram de toda sorte tudo o que em qualquer guerra pode acontecer: horrores, amigos, amores, derrotas e morte. Sendo assim, apresentar-se-ão excertos para demonstrarmos a análise efetuada contrapondo os dois personagens objetos deste estudo, no que se refere aos itens selecionados.

1. Horrores da guerra. Nesse aspecto, ambas as obras fazem-nos vislumbrar cenas de horror envolvendo os seus protagonistas. Camisão parece ser mais sensível ao cenário da guerra do que Netto, apesar de, especificamente, na passagem a seguir, Netto estar correndo perigo no momento da batalha. Em relação à ordem dos excertos, abaixo, é importante enfatizar que em primeiro lugar, estão trechos de *Avante, soldados: para trás*, e, em segundo, de *Netto perde sua alma*.

Um soldado abre um saco de estopa e à vista de todos despeja seu conteúdo. São diversas cabeças cortadas. Um outro vem para o meio da roda, onde todos ouvem as preleções do coronel, com um balaio às costas. Camisão não pára de falar, contemplando as cabeças com certo ar de espanto. Homem acostumado aos eventos sinistros de outras campanhas militares, ainda assim não consegue esconder a náusea ao ver as cabeças. (SILVA, 2000, p. 24)

O comandante dá um berro no meio da noite: ‘Mas para que um espetáculo desses?’ ‘Ainda não terminou’, diz cabo Argemiro. Com efeito chega outro soldado com mais um saco muito sujo de sangue. Há movimentos dentro dele. O coronel Camisão, **perplexo**, interrompe sua fala exasperada e seus conselhos e admoestações sobre a arte de bem guerrear, sem exageros, e aguarda a surpresa. (SILVA, 2000, p. 25)

Do décimo sétimo ao vigésimo quinto segundo, o charrua nu, no instante em que ia arremessar a lança contra Netto, contorceu-se violentamente, atravessado por uma bala no pescoço. A bala fez saltar em pedaços o colar de presas. Arremessou a lança, mas ela saiu torta. Antes de cair morto, olhou indagadoramente para o cavaleiro que vinha a toda brida em direção a eles, curvado sobre o pescoço da montaria, atirando com um rifle de repetição. (RUAS, 2001, p. 62)

O cavaleiro atirou, o cabo charrua caiu. Netto, **perplexo**, voltou-se para ver o cavaleiro continuar a toda velocidade, saltar sobre o corpo do cabo,



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

fazer uma curva, voltar, abaixar-se sem diminuir o galope e levantar seu chapéu enfiando um dedo no furo da bala. (RUAS, 2001, p. 63)

A passagem do romance de Silva se refere ao momento em que alguns soldados brasileiros, após uma batalha, resolvem decepar as cabeças de soldados brasileiros mortos em batalha para saber quem realmente morreu lutando e quem desertou. Esta ordem não partiu do coronel Camisão, foi atitude aleatória tomada pelos próprios soldados em batalha. Camisão deixa transparecer que é contrário a atos dessa natureza. Em *Netto perde sua alma*, é o momento em que Netto e Teixeira são surpreendidos por cinco charruas que querem roubar os seus cavalos. Há uma luta entre eles e quando tudo parecia perdido, surge Milonga, um jovem negro que queria alistar-se no exército farroupilha. Milonga mata dois deles e salva o general Netto.

A guerra apresenta-se de forma brutal nas duas obras. A morte é retratada nas duas passagens. Observa-se que ambos os comandantes ficam perplexos (a palavra *perplexo* foi cunhada pelos dois autores) com o que viram. Mas a perplexidade de Camisão não é a mesma que a de Netto. Camisão parece sentir a guerra como um fardo que precisava se livrar, sua perplexidade é com a maneira com que os soldados, sem sentimento ou reflexão alguma, deceparam as cabeças de seus próprios companheiros de luta. Mais adiante, em conversa com Taunay, o francês confirma o que se interpreta aqui: “– Uma pessoa como o senhor não devia fazer a guerra, comandante. O senhor é homem preocupado com coisas estranhas à guerra. Estamos vivos, mas rodeados de mortos, como disse o outro” (SILVA, 2000, p. 161).

Já a perplexidade de Netto é com o manejo e a habilidade com que Milonga, um garoto de pouca idade, lidava com a arma. Nesse sentido, pode-se dizer que o general Netto era homem mais preparado para a guerra do que o coronel Camisão. Silva nos confirma isso mais adiante com o seguinte excerto: “Camisão fica sem jeito, vários auxiliares sentem que o desconforto aumentou. Trava-se uma surda luta de poder na coluna” (SILVA, 2000, p. 26).

Mas, Netto, apesar de parecer ser homem mais afeito à guerra e às crueldades, também sabe refletir sobre ela e o que ela realmente significa:

— Eu matei índios. Matei negros. E matei brancos. Mais do que tudo, matei castelhanos: uruguaios, argentinos, paraguaios, chilenos. Matei portugueses. Matei galegos. Aqui neste quarto eu ficava matutando



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

comigo mesmo nessa gente toda que matei e me dava um peso enorme no coração, sargento. Acho que buscava um pretexto, queria justificar, dar um sentido decente a essa sangueira toda, mas a razão falta quando a gente se lembra de tanto sangue. A gente não quer acreditar que tudo é inútil. A gente quer se lembrar por que matou tanto e pensa nas idéias, nas grandes palavras, e não acha resposta que valha a pena tanto sangue. Não me lembro mais das palavras, só me lembro dos mortos, um a um. Negros, brancos, índios, cafuzos, a interminável procissão de gente morta nessas guerras do pampa. (RUAS, 2001, p. 43)

2. Amigos: Em *Netto*, o amigo é o sargento Caldeira. No *Avante*, o amigo de Camisão é Argemiro, a princípio também um sargento, que mais tarde é promovido a tenente. Como amigos dos protagonistas, esses dois personagens apresentam características comuns nos dois romances. Sempre estão atentos na defesa de seus amigos comandantes, são confidentes e os acompanham fielmente em, praticamente, todos os momentos da guerra.

Devido as injunções da nova patente, o tenente Argemiro passou a sentir-se ainda mais próximo do chefe e amigo. Camisão abria-se cada vez mais com o amigo de combates e caminhadas. Contou a história de um grande amor de sua vida. (SILVA, 2000, p. 75)

Argemiro e Camisão dão gargalhadas, avançando noite adentro com suas histórias. Na verdade, quem mais conta é o coronel, Argemiro limita-se a ouvir com gosto. Para ele, a vida do outro é um espelho onde se mira e sonha enquanto vai ouvindo. (SILVA, 2000, p. 96)

— Pitando, coronel? A voz do sargento Caldeira era sempre emitida em tom baixo, mas sem submissão. — Pensando, sargento. Pitando e pensando. Enfiou a mão no bolso da túnica e apanhou um palheiro já enrolado. Ofereceu-o para o sargento. O sargento aceitou-o, aceitou o fogo, deu uma baforada para o alto. Ficaram fumando e olhando a luz da lua no dorso dos cavalos. (RUAS, 2001, p.85)

O sargento Caldeira aproximou-se do grande guarda-roupa junto à parede, abriu-o e retirou o uniforme de general do Exército Republicano Rio-grandense. – Minhas botas – disse Netto. – Desculpe, general, eu sempre esqueço as botas. Remexeu no guarda-roupa e encontrou-as. – Como vosmecê sabe, nunca consegui juntar dinheiro para poder comprar umas para mim. – Cansei de le oferecer um par de botas, sargento. – Nunca fui homem de aceitar caridade, general. – Cansei também de escutar essa churumela durante toda a minha vida, sargento. Me ajude a me vestir e vamos lá procurar o carnicheiro. O sargento começou a ajudar



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Netto a vestir o uniforme. – Tá sobrando uniforme, general. (RUAS, 2001, p. 147)

Como se observa nos excertos, Camisão e Netto tinham nesses dois sargentos bons e verdadeiros amigos, que os acompanhavam sempre, tanto nas batalhas quanto nos momentos de descanso e solidão. No trecho em questão, Argemiro ouve Camisão contar a história de uma namorada que teve antes de engajar no exército. Uma professora alemã, que veio contratada por um rico, mas ignorante fazendeiro para ensinar em sua fazenda. Lili era seu nome, mas ela não foi o grande amor de Camisão, este ele só conheceu na guerra, Mercedes, uma paraguaia galopeira que lutava contra o exército brasileiro.

Sargento Caldeira era negro e acompanhava Netto a muito tempo, antes mesmo de ele ser general, como se nota no primeiro fragmento em que Caldeira chama Netto de coronel. Sempre ao seu lado, Caldeira parece ser uma espécie de anjo da guarda do amigo. Em certo momento da narrativa, ele o salva, tendo que matar o também negro e amigo Milonga quando este ameaça Netto por achar que o general não havia cumprido o prometido em guerra, que era libertar os escravos após o seu término. Netto era republicano e abolicionista, seu sonho era ver os escravos em liberdade.

Nesse ponto ambos os protagonistas tinham consciência da importância dos escravos para a guerra. Todos lutavam: negros, brancos, índios, mas os negros lutavam e ainda eram escravos. Camisão, em carta para seus superiores pede que Taunay escreva o seguinte: “Escreva que o soldado brasileiro, podendo, fugia. Pois era escravo e estava ali para morrer no lugar dos brancos.” (SILVA, 2000, p. 178). Netto, além de ter toda essa consciência, queria a libertação deles: “Espero que o final desta guerra traga um novo perfil para o país. Espero que a escravidão termine. Espero...” (RUAS, 2001, p. 28). Netto era muito respeitado pelos negros, o próprio Milonga em conversa com Netto e o coronel Teixeira confirma isso: “– Homens negros, à roda do fogo, falam no general Netto e no Gavião. – Milonga encarou Teixeira com fervor. – Dizem que os dois andam juntos e lutam juntos e querem a liberdade para os homens negros” (RUAS, 2001, p. 57).

3 – Amores: No quesito **amor**, até certo ponto, os protagonistas divergem. Ambos amaram e tiveram apenas um amor, apesar de Camisão ter tido uma namorada (Lili) antes de ir para a



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

guerra e de conhecer sua grande paixão (Mercedes). Mas esses amores acontecem de forma diferente, conforme demonstraremos a seguir:

Camisão viu Lili pela primeira vez dentro de uma carruagem toda preta, importada por Eufrásio havia pouco tempo. A carruagem era européia. Lili era europeia. (SILVA, 2000, p. 81)

Um dia, Argemiro, eu estava fazendo sala, namorando Lili assim por longe, quando deu aquele barulhão na sala. (SILVA, 2000, p. 90)

Embora não acreditasse em paixões repentinas, Camisão estava absolutamente tomado pela figurinha que aparecera assim sem mais nem menos no meio da noite e da guerra. ‘Quem exerce atração, exerce poder’, pensou o estrategista Camisão, capaz de fazer o cerco penoso ao inimigo, mas imobilizado pela mulher que agora admirava e cujos contornos do corpo talvez já fossem conhecidos. Além do mais, os dois precisavam fingir que se viam pela primeira vez, pois alguns espiões poderiam estar ali por perto. (SILVA, 2000, pg. 138)

Os dois, depois de muito se olharem, como que se estudando, saíram de mãos dadas em direção ao riozinho. Não era a primeira vez, mas Camisão parecia ignorar se alguém da coluna sabia de seus encontros com Mercedes. (SILVA, 2000, p. 140)

Mercedes saiu devagar da água. Como entrara. Camisão contemplou o corpo cheio de curvas caprichosas, as formas arredondadas, a bunda alumiada pelo fulgor difuso da noite, os pelinhos arrepiados nas coxas da bem-amada. (SILVA, 2000, p. 145)

Conhecera Maria Escayola numa apertada livraria da rua San José, em Montevideu, há oito meses. Estava a dar meia volta, os braços carregados de livros, quando esbarrou em cheio com outra pessoa também carregada de livros. (RUAS, 2001, p. 116)

Dois seres humanos adultos abraçados à fria luz da madrugada de inverno. Ele disse: — Amor. Ela encostou a face na barba dele. Olhando o jardim nas trevas, disse baixinho, como quem segreda: — Vem aí outra guerra. Não vem aí outra guerra? (RUAS, 2001, p. 134)

Por que divergem no amor? Divergem não na forma de amar, mas no como amar e como cultivam esse sentimento. Camisão apaixonou-se por Mercedes quando guerreava. É contraditório, mas ela, uma jovem galopeira paraguaia, inimiga do exército brasileiro,



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

encontrava-se às escondidas com Camisão nas noites quentes do Pantanal. Era uma mulher cultivada na guerra, mas que atraía profundamente Camisão: “A lua iluminava o rosto da moça e Camisão saboreava com os olhos os seus exatos contornos (...). No entanto, ali estava ele, abobalhado, se sentindo um babaca, um rato atraído por poderosa caninana que o engoliria” (SILVA, 2000, 139). Mercedes, assim como Camisão, tinha consciência do que se passava, tanto na guerra quanto na relação amorosa que cultivavam. Amaram-se até o momento em que Camisão morre.

De maneira diferente, Netto não estava na guerra quando conheceu Maria, pois a Guerra dos Farrapos já havia terminado, porém Netto lutaria em outra, a Guerra do Paraguai, a mesma que lutou Camisão. Mas, enquanto Camisão lutou no Centro-oeste, Netto lutou no Sul. Entretanto, Ruas (2001) não narra esta outra guerra de Netto, narra apenas a sua morte, resultado dela. Por isso pode-se dizer que o general não cultivou o mesmo amor sentido por Camisão. Netto conheceu e se apaixonou por Maria em uma livraria, mas ficou pouco tempo com ela, lançando-se logo depois na Guerra do Paraguai, de onde veio a falecer.

Ruas dedica pouco de sua narrativa para o amor de Netto. Ele o faz ser mais um homem da guerra do que um amante, mas não deixa de lhe dar características de um bom homem, um bom leitor, sensível às causas sociais e conhecedor do que se passava no mundo em termos de poder e política. Nesse quesito ele supera Camisão. Netto discutia poder e política com muita propriedade. De Maria, também se sabe pouco. Mas Maria tinha consciência de que o homem que amava era um general e sabia que não o teria para sempre: “Ela (Maria) encostou a face na barba dele (Netto). Olhando o jardim nas trevas, disse baixinho, como quem segreda: – Vem aí outra guerra. Não vem aí outra guerra?” (RUAS, 2001, p. 136).

4 Derrota: Nesse ponto os autores são convergentes. Ambos são derrotados em suas guerras. Assim, perdem seus exércitos, seus amores, suas ideias e suas vidas. Vejamos os excertos:

A triste carnificina aconteceu em meados de maio de 1867. Os paraguaios chamaram este combate de Nhandipá. Até nisso, eles nos derrotavam. Conheciam tão mais que nós o terreno que pisavam, que podiam denominar, com mais certeza do que nós, o exato lugar onde lutavam. (SILVA, 2000, p. 65)



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Carregamos 96 pardiolas entulhadas de feridos e doentes. Muitos teriam preferido ficar no bosque junto com os outros, que o inimigo sem que lhes fosse pedido, executou. (SILVA, 2000, p. 195)

Em resumo, aqui perdemos, aqui ficamos. Anoitece em Aquidauana. Foram 802 dias de marcha. (SILVA, 2000, p. 196)

– General, onde está a república que vosmecê proclamou? – Ela não existe mais Milonga. – Vosmecê mentiu para nós. – Não, Milonga, eu não menti. Apenas perdi a guerra. (RUAS, 2001, p. 102)

Osório encheu a cuia e estendeu-a para Netto. — Lamento não poder demovê-lo dessa idéia, general. — Nas conversas do acordo de paz meus pontos de vista todos foram vencidos, capitão, e eu sempre pretendi ser um homem sensato. Não pude fazer nada a respeito dos escravos e isso me corrói. Sei quando estou vencido. Só me resta ir embora. (RUAS, 2001, p. 99)

Como apontam os fragmentos, ambos são derrotados e perdem muito mais do que a guerra. Camisão, que nunca pensou em guerrear:

“– Me diz uma coisa, meu coronel, quando o senhor entrou no Exército, alguma vez o senhor pensou em guerrear? – Não. Nunca. Na minha família sempre me diziam que o Brasil era um país ordeiro, cheio de paz, que evitava a guerra”,(SILVA, 1992, p. 197) e de repente se viu na guerra, tem que ordenar a retirada e acaba ficando com menos de trinta por cento de seu batalhão. Contrai o cólera e acaba morrendo. Netto perde a guerra e muito mais: perde amigos que sempre lutaram ao seu lado, como os escravos, perde a amizade de Milonga, um garoto negro que muito confiava no general e que, num certo momento, salvou-lhe a vida. Por fim, ainda é derrotado no acordo de paz, quando propõe o fim da escravidão.

5 – Morte: Nesse aspecto, os dois protagonistas tiveram o mesmo destino, mas não morreram no campo de batalha, com a arma em punho. Netto morre num hospital em Corrientes, vítima de ferimentos que contraiu na Guerra do Paraguai. Camisão, nessa mesma guerra, contrai a cólera e morre abraçado junto a uma árvore, quando se retirava de Laguna.

Escreva, pois, francês, pois sei que vou morrer. Que minha fala seja essa nas reuniões que depois se seguirem. (SILVA, 2000, p. 169)



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Escrevo que a 29 de maio morreram Camisão e Juvêncio. (SILVA, 2000, p.179)

Camisão caiu ao entardecer. Agarrou-se a uma árvore, parecendo abraçá-la. Abriu bem a boca, as narinas alargaram-se como nunca antes em sua vida. Puxou todo o ar que pôde e foi insuficiente. (SILVA, 2000, p. 184)

Nosso comandante morreu como um herói, isto é, sem pompa nenhuma. Como se sabe, pompas e circunstâncias ficam para as comemorações póstumas. (SILVA, 2000, p. 185)

Volta-se para o general brasileiro com o coração oprimido. É com alívio que vê a serenidade de sua expressão. Coloca o espelho sob suas narinas. O general Netto também não respira mais. A enfermeira Zubiaurre une as duas mãos do general sobre o peito e faz o sinal-da-cruz. (RUAS, 2001, p. 10)

Aproximou-se da canoa pisando vagaroso a areia macia, já sem pressentimentos, sem cautela, sem olhar para o Vulto, sentindo a mordida fria do ar, dominando o narcisismo desatento, recuperando com satisfação a tolerância, a paternalidade, sentindo-se sagaz e dissimuladamente majestoso. Olhou a praia deserta. (Agora, o vento estava a favor.) Netto empurrou a canoa e saltou para dentro dela. (RUAS, 2001, p.156)

Sobre a morte dos protagonistas, os autores também divergem. Enquanto Camisão sabia que iria morrer, Netto não tinha consciência de que tinha morrido, conforme a narrativa ficcional de Ruas. O primeiro fragmento esclarece sobre Camisão, que ainda pede para que Taunay escreva o que ele tinha a dizer para ficar registrado para as próximas reuniões, tal era a lucidez dele. Morreu como um herói, “mas sem pompas”, segundo seus soldados. Já Netto não se deu conta de que tinha morrido. Apesar de o autor, como se lê no primeiro fragmento, expor que Netto morrera no hospital, misteriosamente, precisou vir buscá-lo o amigo, sargento Caldeira, que também morrera numa batalha em Tuyuty. Ruas (2001) transforma a morte do general numa ação mitológica, recuperando Caronte, o barqueiro responsável pela passagem dos mortos para o outro lado, para o mundo dos mortos, como exemplifica o fragmento acima.

## **Considerações finais**



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Enfim, estas obras são narrativas ficcionais que se utilizam de elementos históricos, isto é, o enredo se utiliza de fatos históricos e cria uma nova narrativa que não vai substituir o fato histórico, mas apenas apropriar-se dele para recontar a história de outra maneira. À luz de Bakhtin (1990), a atividade estética vai se apropriar do fato histórico para dar uma nova vida a este fato, mas esta nova vida propõe-se a ser uma particularidade recriada pelo autor. O que se pode dizer é que estas narrativas representam um conjunto de outras pequenas narrativas recriadas pelos autores por meio da prosa literária.

Com isso, seus autores não fazem de seus personagens protagonistas verdadeiros heróis. Se estes são heróis, não o são como na épica, mas sim heróis comuns, que vivem e contam suas histórias como pessoas comuns, a exemplo do que disse o narrador de *Avante, soldados: para trás* quando da morte do coronel Camisão: “Nosso comandante morreu como um herói, isto é, sem pompa nenhuma” (SILVA 2000, p. 185). Conclui-se que Netto e Camisão são personagens despojadas de qualquer simbologia e potencialidade humana: viveram, sonharam, amaram, sofreram e morreram. Ambos, portanto, representam ações que podem ser realizadas por gente comum.

No cenário da guerra, ficcional ou não, eles foram apresentados como protagonistas de um mundo complexo e irracional, mas mantinham princípios e sonhos como muitos outros que lutavam ao lado deles. Assim, se movimentam em suas narrativas dentro de uma lógica que se distancia de uma verdade única e acabada. Se pensavam na vitória, não era simplesmente porque ela os tornaria heróis, mas porque traria bons frutos a todos que dela puderem participar. Camisão nunca pensou em guerrear, era piedoso com os inimigos, respeitava a todos que estava ao seu lado, sem distinção; Netto, apesar de orgulhoso, buscava justiça social, tinha consciência do *status* de poder e ainda queria a libertação dos escravos. Enfim, ambos eram sonhadores em relação às transformações que esperavam que se efetivassem com a guerra e preocupavam-se com os princípios e as verdades humanas gerais, como qualquer outra pessoa humana que cultiva bons valores sociais.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1990.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

CARVALHAL, T. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

D'ONOFRIO, S. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

GENETTE, G. Fronteiras da narração. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

RUAS, T. *Netto perde sua alma*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, D. *Avante, soldados: para trás*. São Paulo: Siciliano, 2000.

WHITE, H. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994.